

ESTRATÉGIAS TECNOLÓGICAS PARA EDUCAÇÃO DE SURDOS: TV INES, GOOGLE IMAGENS E GOOGLE MAPS

*Technological strategies for deaf education:
TV INES, Google Images and Google Maps*

Valeria Fernandes Nunes¹

RESUMO

Analisam-se vídeos da TV INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) e ferramentas do Google, como estratégias tecnológicas que auxiliam no ensino de surdos. Essas estratégias foram desenvolvidas com nove alunos surdos, do Ensino Médio, na sala de recursos Professor Daniel Santos da Silva, no Ciep 382 Aspirante Francisco Mega, da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. A análise se baseia em investigações de tecnologias para educação de surdos, nos estudos linguísticos da Libras, na literatura surda, na cultura surda e na história da educação de surdos. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e estudo de caso, tendo como dados as atividades didáticas com tais recursos tecnológicos. Estabeleceu-se a hipótese de que recursos visuais (imagens interativas e vídeos) poderiam auxiliar na transmissão de conhecimento para surdos, tendo em vista a perspectiva visual do mundo. Dessa forma, essas estratégias possibilitaram, para os alunos surdos, o contato com a cultura surda, dando a eles a oportunidade de conhecer e valorizar os achados que a comunidade surda tem desenvolvido.

Palavras-chave: Cultura Surda. Tecnologia. Ensino.

¹ Professora de Libras/Literatura Surda da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutoranda em linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) com estudos sobre iconicidade cognitiva nos sinais da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Contato: valeriafernandesrj@hotmail.com

ABSTRACT

Were analyzed videos of TV INES (National Institute for Deaf Education) and Google tools, that can be used as technological strategies for deaf education. These strategies were developed with nine deaf students, high school, in the resource room named Teacher Daniel Santos da Silva, in Ciep 382 Aspirante Francisco Mega, State Department of Education of Rio de Janeiro. The analysis was based on technology research for deaf education in Libras' linguistic studies, in deaf literature, in deaf culture and in history of deaf education. Therefore, we carried out a literature search and case study, whose used the educational activities with such technological resources. It was established the hypothesis that visual focus (interactive images and videos) could assist in the transmission of knowledge for the deaf, in view of the visual perspective of the world. Thus, these strategies allowed for deaf students, the contact with the deaf culture, giving them the opportunity to know and appreciate the findings that the deaf community has developed.

Keywords: Deaf culture. Technology. Teaching.

INTRODUÇÃO

Sala de recursos. Computadores. Internet. Disciplinas escolares do Ensino Médio. Uma professora e nove alunos surdos. Duas questões: o que esses alunos sabem sobre cultura surda? Como expandir os conhecimentos deles sobre a própria cultura?

A descrição acima foi a realidade encontrada na sala de recursos² Professor Daniel Santos da Silva, Ciep 382 Aspirante Francisco Mega, Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Percebemos que esses alunos possuíam pouco ou

² A sala de recursos recebe alunos com diferentes necessidades. Porém, para este artigo, descrevemos as práticas pedagógicas desenvolvidas com alunos surdos.

nenhum contato com a cultura surda. Alguns conheciam a língua de sinais e a usavam com muito orgulho durante as aulas. Mas quando questionados sobre a história dos surdos ou sobre a literatura surda, por exemplo, o silêncio, revelado pelas mãos sem movimentos, mostrava o quanto era preciso investir na divulgação da cultura surda para que eles pudessem conhecer e valorizar as conquistas do povo surdo.

Outra realidade. A presença de alunos surdos na educação básica e no ensino superior tem aumentado no Brasil, como mostra pesquisa solicitada pela revista Língua em abril de 2014, realizada pelo Censo da Educação Básica, cujos dados foram enviados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - Inep. Registra-se um “aumento de 47,6% do número de matrículas de estudantes surdos no Ensino Fundamental regular entre 2008 (12.109) e 2012 (17.872)” (PLOENNES, 2014).

Há também um crescimento expressivo no Ensino Médio cujas matrículas “subiram 80,2% no mesmo período, passando de 2.199 para 3.964” (PLOENNES, 2014). No ensino superior, os inscritos também têm aumentado: “passaram de 1.582 em 2011 para 1.650 em 2012, crescimento de 4,3% de um ano para outro, segundo o Censo da Educação Superior” (PLOENNES, 2014). Vale salientar também que “o Censo Demográfico de 2000 contabilizou 5,75 milhões de pessoas surdas no Brasil, das quais 796, 344 com até 24 anos.” (VELOSO; MAIA, 2009, p.20).

Assim, com base nos dados encontrados na sala de recursos do Ciep 382 Aspirante Francisco Mega e nas pesquisas sobre o aumento de alunos surdos em nosso país, pensamos na hipótese de que é possível encontrar alguns desses alunos com pouco ou nenhum contato com os artefatos culturais do povo surdo. Logo, dentre as diversas possibilidades de transmissão de conhecimento, selecionamos recursos visuais, isto é, imagens interativas e vídeos, que poderiam auxiliar na divulgação da cultura surda e no processo educativo escolar de surdos, tendo em vista a perspectiva visual do mundo.

Compreendemos a necessidade do aluno surdo ter acesso ao conhecimento curricular básico proposto. Ou seja, é preciso que alunos da educação básica saibam as disciplinas escolares, como matemática, história, geografia, ciências, português e todas as demais matérias previstas no currículo dessa etapa educacional. Entretanto, consideramos que deve ser dada a oportunidade ao estudante surdo o acesso às conquistas e às produções do povo surdo.

Por isso, com capítulos específicos sobre cultura surda, procedimentos metodológicos e estratégias tecnológicas, este artigo descreve práticas pedagógicas com recursos visuais que foram utilizadas durante as aulas na sala de recursos com os alunos surdos, a saber: Google Imagens, Google Maps e programas da TV INES. A página da internet do Google Imagens, site de busca de imagens, foi usada como forma de investigação inicial para procurar o significado visual de alguns vocábulos desconhecidos pelos alunos. O Google Maps, site de busca de mapas, foi um auxílio de localização geográfica e visual para compreender a posição da escola no Rio de Janeiro e os lugares onde são ou foram realizados trabalhos na área da surdez.

A respeito da TV INES, os seguintes programas com vídeos online foram explorados: “Manuário” e “Café com Pimenta”, divulgação de personalidades relevantes para a comunidade surda; “Vida em Libras”, apresentação de estudos linguísticos da Libras; e “Piadas em Libras”, exibição de um gênero da Literatura Surda.

Os alunos, após assistirem aos vídeos, foram incentivados a dialogar sobre o que foi visto e a fazer anotações sobre os dados mais relevantes. Posteriormente, as informações das aulas eram compartilhadas em redes sociais ou aplicativo de conversa, como o Facebook e o Whatsapp.

Dessa forma, essas atividades possibilitaram, para os alunos surdos, o contato com a cultura surda, dando a eles a oportunidade de conhecer e valorizar os achados que a comunidade surda tem desenvolvido.

CULTURA SURDA

A fim de sinalizar questões que têm sido elucidadas na história dos surdos, relatamos conceitos e reflexões sobre cultura surda. Descrevemos a trajetória educacional e política das conquistas surdas, sinalizando concepções sobre cultura, multiculturalismo, cultura surda, identidades surdas, artefatos culturais, povo surdo e comunidade surda.

Para iniciar a discussão sobre os temas propostos, questionamos: como o surdo, membro de um grupo minoritário, tem sido visto pelos ouvintes, grupo majoritário, na sociedade? Uma breve introdução a respeito de alguns fatos históricos colabora para uma possível resposta.

O surdo por séculos foi visto como um ser deficiente, vítima de preconceitos. Segundo Allport (1962, p. 20), o preconceito é uma atitude hostil em relação a uma pessoa pelo simples fato de ela pertencer a determinado grupo. A separação das pessoas por grupos é um fato histórico e cultural, no qual as pessoas estão acostumadas a se organizar buscando seus pares, formando grupos.

Os surdos, desde as civilizações mais antigas, já eram separados do grupo dos não ouvintes. No Egito, pessoas com deficiências eram consideradas como “maus espíritos”. Na civilização grega e na civilização romana, onde se pregavam a perfeição do corpo, pessoas deficientes eram mortas após o nascimento e, quando sobreviviam, eram marginalizadas, podendo atuar também como “bobos de entretenimento”. Com o advento do cristianismo, o homem passa a compreender que ele é criado por Deus, consequentemente, deficientes também são criações divinas. No império Bizantino, por exemplo, essas pessoas são encaminhadas para mosteiros. Nessa época, mantém-se a vida e inicia-se o processo de educação formal, entretanto, promove-se a exclusão social, pois não há participação na sociedade.

Rocha (2008) registra momentos históricos marcantes na educação de surdos, dentre eles podemos destacar a colaboração

dos seguintes pesquisadores: Ponce de Leon (1520-1584), educador com metodologia baseada na educação individual visando à escrita e ao uso do alfabeto bimanual; Juan Pablo de Bonet (1579-1633), autor da obra *Reduction de las letras y arte para enseñar a hablar los mudos*; John Bulwer (1606-1656), defensor da língua de sinais como a língua principal na educação de surdos; Jean Marie Gaspard Itard (1775-1789), pesquisador sobre surdez; Charles Michel L'epée (1712-1789), fundador na França da primeira escola de surdos (1755) com o uso de sinais metódicos; Samuel Heinicke (1729-1790), fundador na Alemanha da primeira instituição para surdos em Leipzig (1778) com o uso do método oral objetivando a fala; Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), pesquisador, no Instituto de Surdos de Paris com Abade Sicard, que juntamente com Laurent Clérc, professor surdo e aluno de Sicard, retornam para os Estados Unidos da América para fundar escola de surdos na América (atual Universidade de Gallaudet); e E.Heut, educador de surdos no Brasil e fundador do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Brasil, em 1857.

Dentre os diversos fatos históricos da educação de surdos, Skliar (2015) descreve o Congresso de Milão, em 1880, como a legitimação oficial do ouvintintismo e do oralismo. Nesse congresso, estavam pesquisadores da Europa e da América, que em um processo de votação, a maioria não foi a favor pelo uso de língua de sinais na educação de surdos. Segundo a obra *Atas: Congresso de Milão – 1880, série histórica do Instituto Nacional de Educação para Surdos* (2011), na votação da “Definição 1” cujo objetivo era a preferência pelo método oral, a aprovação foi quase que por unanimidade, constando aproximadamente cento e sessenta votos a favor do oralismo e quatro a favor da língua de sinais. Já em 1999, no V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue em Porto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil, encontramos uma gama de valores que deveriam fazer parte do ensino de surdos. Esses valores foram registrados em um documento intitulado “A educação que nós surdos queremos”.

Como ocorreu essa mudança de pensar sobre educação de surdos durante esses anos? Perlin e Strobel (2009) relatam sobre três teorias da educação de surdos: tradicional/moderna, crítica e cultural. Na primeira, o surdo é visto como um ser anormal, deficiente, diferente do ouvinte. Nessa perspectiva, o método oral é apoiado na obsessão por fazer o surdo falar, em um currículo focado na oralidade e na proibição/ausência da língua de sinais, que é banalizada e inferiorizada.

Na segunda proposta, teoria crítica, o surdo é considerado como diversidade cultural. Para Skliar (2015), a “diversidade” proporciona a criação de um falso consenso em que há uma ideia de que a normalidade hospeda os diversos. Enquanto a “diferença” é marcada por uma construção histórica e social, gerada a partir de conflitos sociais e embasada nas práticas e nas representações compartilhadas por surdos. Entretanto, nessa perspectiva, o surdo é compreendido como diversidade, logo, há uma tolerância diante do surdo. Respeito ao multiculturalismo. Porém a cultura ouvinte é tida como superior e dominante. Os métodos de ensino abordados são: comunicação total (mistura de recursos linguísticos e extralinguísticos para a comunicação, como bimodalismo-português sinalizado, leitura labial, alfabeto manual, ritmo, escrita, dança, música etc.) e bilinguismo (surdo bilíngue, tendo a língua de sinais como sua língua materna-L1 e a língua oral oficial do país na modalidade oral ou escrita como sua segunda língua-L2).

Na terceira, teoria cultural, à luz dos Estudos Culturais, o surdo é entendido como um ser cultural. Os Estudos Surdos são valorizados pelas suas pesquisas sobre os artefatos culturais do povo surdo (língua de sinais, história das conquistas e das lutas dos surdos, pedagogia de surdos, literatura surda, identidades surdas, artes surdas etc.). Dessa forma, essa teoria se volta para uma identidade cultural. Mas o que é cultura? O que abrange a cultura surda? Quem é o povo surdo? Quais são os membros da comunidade surda?

O império do ouvintismo, conjunto de representações de pessoas ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como um ser deficiente, não ouvinte (SKILIAR, 2015), teve um longo governo, como descrito no início deste capítulo, por meio do incentivo à prática do oralismo, comunicação e ensino por meio da fala, “forma institucionalizada do ouvintismo” (SKILIAR, 2015).

Segundo Laraia (2009), a primeira noção de cultura data de quatro séculos antes de Cristo, quando Confúcio enuncia que “a natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados”. Para Strobel (2013), apoiada nos Estudos Culturais, cultura é uma ferramenta de transformação e de percepção constituída de jeitos de ser, de fazer, de compreender e de explicar o mundo ao seu redor; enquanto, a cultura surda é o modo de a pessoa surda entender o mundo e torná-lo acessível de acordo com suas percepções visuais. Como em diferentes culturas, não há “uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um *continuum cultural*” (BURKE, 2003, p. 14). Logo, na sociedade, há o relacionamento de diversas culturas (multiculturalismo).

Encontramos na sociedade o povo surdo e a comunidade surda. Strobel (2013) chama de povo surdo o grupo de sujeitos que possuem costumes, histórias, tradições em comum e são produtores de suas concepções do mundo através da visão. Perlin (2015) descreve que ao surdo pertence a experiência visual do mundo e não auditiva.

Já a comunidade surda, para Strobel (2013), é composta por um grupo de pessoas que partilham objetivos em comum e trabalham para alcançá-los. Assim, na comunidade surda, são incluídas pessoas surdas ou ouvintes que apoiam ativamente esses objetivos. Podemos citar familiares, amigos, intérpretes e militantes cujos objetivos são em prol dos direitos dos surdos.

De acordo com a maior ou menor receptividade da cultura surda assumida pelo sujeito surdo, ele apresentará identidades surdas específicas. Para Perlin (2015), as identidades surdas estão re-

lacionadas à experiência visual e são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda. Não possuímos apenas uma identidade. Por exemplo, uma pessoa nascida no Brasil terá influências da cultura brasileira, mas ao entrar em contato com uma cultura estrangeira, ela pode aderir a outros hábitos culturais que julgar serem benéficos a ela, seja no modo de vestir, de pensar ou de se alimentar.

Perlin (2015) desenvolve pesquisa classificando possíveis identidades surdas como identidades surdas híbridas, de transição, incompleta e flutuante. Identidades surdas híbridas se referem aos surdos que nasceram ouvintes e com o tempo, devido às diversas circunstâncias da vida, tornaram-se surdos. Eles utilizam uma percepção visual, passam para sua língua materna oral e depois realizam a tradução para a língua de sinais.

Identidades surdas de transição estão relacionadas àqueles surdos que foram educados, formados, sob a hegemônica experiência dos ouvintes. Em algum momento, eles passam a participar da comunidade surda.

Identidades surdas incompleta são “surdos que vivem de acordo com a ideologia ouvintista e trabalham para socializar os surdos de forma compatível com a cultura ouvinte/dominante.” (PERLIN, 2015, p. 64). Eles tentam reproduzir a identidade ouvinte e não adeptos da identidade surda.

Identidades surdas flutuante são encontradas nos surdos que “vivem de acordo com a ideologia ouvinte. Eles querem ser como ouvintes, desprezam a cultura surda e não têm compromisso com a comunidade surda” (PERLIN, 2015, p. 65).

Essas classificações são possibilidades de compreender as diversas identidades, que são complexas e nem sempre são tão bem definidas. Fato é que os surdos em sua diferença cultural apresentam específicos artefatos culturais encontrados na experiência visual, nas relações familiares e sociais, nas adaptações no esporte, nas conquistas políticas, na produção de materiais, no desenvolvimento

linguístico, nas artes visuais e na literatura surda (STROBEL, 2013).

A experiência visual é marcada em diversas significações coletivas culturais. Por exemplo: a necessidade de ambientes com claridade para realizar a comunicação em língua de sinais, possibilitando que os falantes possam ver os sinais produzidos; o uso de nomes visuais/nomes de batismo na comunidade surda - sinal específico de cada pessoa que pode corresponder a uma característica física; as relações gramaticais como a sintaxe visual, que estabelece a concordância verbal por meio do direcionamento do sinal; os pronomes pessoais, que marcam a localização física ou hipotética das pessoas do discurso; e a presença de alguns sinais icônicos, conforme Nunes (2014) que descreve a presença da iconicidade tendo em vista a presença do corpo do falante de Libras durante a fala e os recursos visuais possíveis de serem reproduzidos: **“BOLA é um exemplo de sinal icônico, pois, ao produzir esse sinal, o formato físico de uma bola é representado no polo fonológico. As mãos do usuário da Libras formam em um espaço neutro o desenho de um círculo, característico desse objeto”.** (NUNES, 2014, p. 61)

Dentre os hábitos familiares em casa de surdos, podemos citar: o ato de comer, “estar com a boca cheia” e poder usar as mãos para conversar; a presença de campainhas luminosas, isto é, quando uma visita toca a campainha, em vez de som, temos algumas luzes da casa piscando; o assistir aos programas da televisão no mudo e, quando possível, com legendas; o adestramento de animais de estimação, como cães, em língua de sinais; e o nascimento de uma criança surda que “é um acontecimento alegre para a maioria das famílias surdas, pois é uma ocorrência naturalmente benquista pelo povo surdo” (STROBEL, 2013, p.58), não um “problema social”, como pode ocorrer nas famílias de alguns ouvintes.

Encontramos na vida social dos surdos o bem-estar e a alegria de conviver com seus pares surdos. Esse convívio ocorre em locais onde eles podem se reunir e explorar toda sua modalidade cultural. Geralmente, eles se encontram em associações, igrejas,

eventos, congressos, passeios ou atividades em grupo. Segundo Strobel (2013, p.74 - 75), “nove de cada dez membros da comunidade surda casam-se com surdos” devido à mesma referência cultural.

Nos esportes, vemos adaptações visuais como a substituição do apito em um jogo de futebol por bandeirinhas coloridas. Strobel destaca que “A prática esportiva para os surdos requer algumas adaptações visuais, já que o surdo não possui deficiência física” (STROBEL, 2013, p.79-80).

Em relação às questões políticas, existem várias instituições que lutaram e lutam a favor do povo surdo, como, por exemplo: o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e a Federação Mundial dos Surdos (*World Federation of the Deaf* – WFD).

Os esforços pelos direitos dos surdos são marcados também pela publicação de diretrizes legais, dentre elas, mencionamos: Declaração de Salamanca/1994, na Espanha, resolução das Nações Unidas (ONU), que aponta princípios, questões políticas e práticas em educação inclusiva, destacando a linguagem de signos³ como meio de comunicação entre surdos e garantindo a educação de surdos em sua língua nacional de signos; Lei n.^o 10.098/2000, que descreve sobre a eliminação de barreiras e de obstáculos na comunicação; Convenção da ONU no Decreto n.^o 6.949/2005, que promove, protege e assegura o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos, viabilizando a facilitação do aprendizado da língua de sinais e a promoção da identidade linguística da comunidade surda; Lei n.^o 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda e propõe a inclusão do ensino de Libras nos cursos de formação especial, de fonoaudiologia e de magistérios, no Ensino Médio e no Ensino Superior; Decreto n.^o 5. 626/2005, que

³ Termo utilizado naquela época. Hoje, compreendemos como língua de sinais.

regulamenta a Lei n.º 10.436/2002, descrevendo a pessoa surda, classificando os tipos de perdas auditivas, detalhando sobre a inclusão da matéria de Libras, sobre a formação de professores e instrutores de Libras e sobre a regulamentação do Exame Nacional de Proficiência em Libras (PROLIBRAS) para a interpretação/tradução e para o ensino; Lei n.º 12.319/2010, que especifica a formação, as atribuições e as competências do profissional tradutor e intérprete da Libras; e a Lei n.º 13.0005/2014, que expõe o Plano Nacional de Educação – PNE cuja apresentação de metas detalha o atendimento educacional especializado e a proposta de expansão de obras didáticas em Libras e em Braille.

Todas essas conquistas são celebradas no Dia do Surdo, vinte e seis de setembro. Segundo Rocha (2008), a data refere-se a militâncias a favor dos estudos de surdos no Brasil em prol do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES (Lei n.º 939 de 26 de setembro de 1857), que foram promovidas pelo professor francês E. Heut

Vale salientar também o uso de alguns materiais tecnológicos dentro da comunidade surda. Segundo Strobel (2013), diversos materiais colaboram com a acessibilidade na vida cotidiana do surdo. Para exemplificar, citamos o *Telephone Decive for Deaf* (TDD) ou telefone de surdos (TS), celulares e computadores conectados à internet com aplicativos para conversas, tradução-interpretação e acesso aos dicionários de Libras. Dentre esses recursos tecnológicos, ressaltamos o uso do WhatsApp, do Facebook, do Youtube e do IMO, que possibilitam a comunicação e a divulgação de vídeos em língua de sinais. Essas contribuições tecnológicas “não foram apenas educativas sociais e laborais, mas, sobretudo, de inserção comunicativa em muitas das atividades de vida diária antes inacessíveis, pois a distância e o tempo se encurtam pela Internet e surgiram novas maneiras de se relacionar”. (STUMPF, 2010, p.5)

Essa comunicação é realizada por meio das línguas de sinais, meio de conversação que apresenta as experiências visuais

dos surdos. Estudos linguísticos sobre essas línguas têm sido desenvolvidos, principalmente, após as pesquisas de Willian Stokoe, em *Sign language structure* (1960), comprovando o status de língua para a língua de sinais americana (*American Sign Language – ASL*). No Brasil, muitos estudos foram realizados analisando os aspectos da gramática visual da Libras (BRITO, 2010; FELIPE, 2009; QUADROS; KARNOPP, 2004; NUNES, 2014). Strobel (2013) também destaca as pesquisas acerca da escrita em língua de sinais-ELS (*SignWriting_SW*) presente em obras da literatura surda.

Nas artes, o povo surdo faz muitas criações artísticas que divulgam suas emoções, suas formas de compreender o mundo, suas histórias e sua cultura. Surdos atores, como o ator surdo brasileiro Nelson Pimenta, contadores de história, dançarinos, participantes de corais e pintores, como Nancy Rourke, pintora surda americana.

E a arte por meio das palavras, a literatura. Utiliza-se “a expressão *literatura surda* para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa” (KARNOPP, 2006, p.112), logo, produções literárias traduzidas para a língua de sinais ou obras que estejam ligadas às questões culturais da comunidade surda serão consideradas como literatura surda. Essa literatura descreve a surdez como a “presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo linguístico e cultural diferente.” (KARNOPP, 2006, p.112). Dessa forma, a literatura torna-se um meio de reconhecimento da produção cultural desse grupo.

Quanto à classificação de produções literárias, Mourão (2011, p.53) destaca a presença de traduções, adaptações ou criações. Para o autor, materiais da Editora Arara Azul como *Alice no país das maravilhas* (2002), *Iracema* (2002) e *O Alienista* (2004) são clássicos da literatura traduzidos para Libras caracterizados como “traduções”, enquanto *Cinderela Surda*, *Rapunzel Surda* (2003), *Patinho Surdo* e *Adão e Eva* (2005) são “adaptações” de contos de fadas ou de histórias antigas adaptadas para a cultura

surda. Já as obras classificadas como “criação” são os textos originais oriundos da comunidade surda como *Tibi e Joca* (2001) e *Casa Feliz* (2010).

Em relação à temática, Sutton-Spence e Quadros (2006, p.116) relatam a presença de textos que celebram a língua de sinais, o mundo visual, os relacionamentos entre surdos e ouvintes, o lugar das pessoas surdas no mundo e questões inerentes à vida humana, como os sentimentos e a relação com a natureza. Esses temas promovem a reflexão sobre o ato de respeitar, validar e descrever a forma como o povo surdo lê o mundo e suas relações com ele.

Sobre poetas surdos, segundo os escritos de Clerc e Keller, disponíveis na biblioteca online da Universidade de Gallaudet, os primeiros poetas surdos conhecidos foram: John Audelay (1417 – ?1432), poeta cego e surdo, sacerdote britânico com coleção publicada de seus poemas religiosos em 1426; Joachim du Bellay (1522?-1560), surdo francês desde a infância, escritor e poeta do Renascimento com obras sobre a defesa da língua francesa (1549) e com a produção de sonetos de amor; Pierre de Ronsard (1524-1585), surdo a partir dos dezesseis anos, poeta renascentista francês com ênfase em sonetos; e Antonio de Covarrubias y Leiva (1524-1602), surdo ao fim da vida, jurista, antiquário, filósofo, poeta, humanista, helenista, advogado pela Universidade de Salamanca e com seu retrato, pintado pelo amigo El Greco (pintor grego-espanhol) que se encontra no Museu do Louvre, na França.

Registram-se, também entre os pioneiros, as obras de Dorothy Miles (1931-1993), considerada a pioneira da poesia em *British Sign Language*. “Dot” Miles, surda desde os oito anos de idade devido à meningite cerebrosplinal, poeta e ativista na comunidade de surdos. Ela compôs seus poemas em Inglês, em *British Sign Language* - BSL e em *American Sign Language* - ASL. Seu trabalho estabeleceu as bases para a poesia moderna em língua de sinais nos Estados Unidos da América e no Reino Unido.

Segundo Mourão (2011, p. 52), como em outros países, há diversos poetas brasileiros, como: Nelson Pimenta, surdo nascido

em Brasília em 1963, poeta, professor e primeiro ator surdo profissional no Brasil; e Rosani Suzin, conhecida e respeitada pela comunidade surda pela leveza nos sinais.

Sobre as características literárias, para exemplificar, Quadros e Sutton-Spence (2006), ao comparar o poema *Bandeira Brasileira* de Nelson Pimenta em Libras e o poema *Three Queens/Três rainhas* de Paul Scott na Língua de Sinais Britânica (BSL), registraram as seguintes características: experiência sensorial; ausência do som; valorização da visão com sinalização criativa; experiência bilíngue, uso da soletração manual referente à língua oral própria do país; sincronismo, repetição de um mesmo parâmetro fonológico, como movimento, localização ou orientação; simetria, uso de ambas as mãos para criar efeito estético; morfismo (neologismo), mistura de sinais para criar outros sinais.

Assim, a literatura surda, como outras literaturas no mundo, possui seus escritores, poetas e marcas literárias e linguísticas próprias. Não apenas os aspectos literários, mas todos os aspectos da cultura surda com seus valores precisam ser ministrados para as futuras gerações de surdos a fim de que eles possam conhecer, respeitar e valorizar as conquistas do povo surdo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica (HENRIQUES; SIMÕES, 2010) e de estudo de caso, tendo como dados as atividades didáticas com o uso do Google Imagens, Google Maps e TV INES durante aulas com alunos surdos.

As aulas foram ministradas na sala de recursos Professor Daniel Santos da Silva, no Ciep 382 Aspirante Francisco Mega, da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Essa sala recebe orientações itinerantes e capacitações do Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado (NAPES) da Metropolitana IV do estado do Rio de Janeiro. O período de análise ocorreu de março a

junho de dois mil e dezesseis com nove alunos surdos do Ensino Médio. Durante esse período, essa sala de recursos recebeu oito alunos surdos do Colégio Estadual João Salim Miguel e um aluno surdo do Colégio Estadual Jacques Raimundo.

Os discentes possuíam idades variando entre 15 e 21 anos e cursavam entre o primeiro e o terceiro ano do Ensino Médio. O conhecimento sobre a cultura surda para a maioria dos discentes limitava-se apenas ao uso da língua de sinais. Por isso, buscamos recursos para dar a oportunidade a esses jovens de conhecerem os percursos históricos e culturais do povo surdo.

A sala de recursos foi equipada com computadores e notebooks conectados à internet, quadro branco, impressoras, jogos educativos e mesas com cadeiras para estudo e debates em grupo. O fato de ter a internet disponível foi o meio prático de acessar as diversas informações de forma mais ágil.

Durante as aulas, conforme orienta Stumpf (2010) em relação ao uso da informática na educação de surdos, privilegiávamos nas aulas o uso de língua de sinais, imagens, textos pequenos, animações, pequenos filmes/entrevistas acessíveis em Libras e vídeos coloridos com boa resolução; e evitávamos textos longos e palavras, expressões ou gírias pouco utilizadas.

Pensando no uso da informática e em como ensinar o surdo a trajetória histórica de seu povo e também os bens científicos e culturais de nossa sociedade, propusemos a hipótese que o uso de recursos visuais durante as aulas para o aluno surdo poderia tornar a transmissão e a assimilação de conhecimentos mais rápidas e eficazes, tendo em vista a perspectiva visual do mundo. Por isso, acessos ao Google Imagens, ao Google Maps e aos vídeos da TV INES foram utilizados como meios tecnológicos de facilidade visual ao acesso de informações.

ESTRATÉGIAS TECNOLÓGICAS

Neste capítulo, descrevemos como os vídeos da TV INES e os sites do Google Imagens e do Google Maps foram utilizados em sala de aula como estratégias tecnológicas didáticas para facilitar o processo de ensino-aprendizado.

Durante as aulas na sala de recursos, mantínhamos computadores conectados ao Google Imagens para consulta, pois quando os alunos encontravam palavras desconhecidas, por exemplo, ao interpretar um texto em português, eles iam até ao Google Imagens para consultar. A página da internet do Google Imagens funciona como um site de busca por imagens. Ao digitarmos uma palavra, possíveis imagens ligadas ao vocábulo mencionado são disponibilizadas.

Sabemos que esse tipo de busca possibilita apenas uma investigação “inicial” sobre significado visual de algumas palavras, pois palavras com significados abstratos não são facilmente representadas por imagens. Entretanto, a busca por imagens se mostrou eficiente para a maioria das palavras pesquisadas, porque a procura de significado de palavras em dicionários de português não era eficaz, porque ao invés de esclarecer para esses alunos surdos o conceito da palavra pesquisada, muitas vezes, gerava mais dúvidas, tendo em vista que português é a segunda língua desses estudantes surdos.

Para exemplificar, na frase de um texto sobre pássaros: “Na árvore, havia um azulão”. O conceito da palavra “azulão” pode estar relacionado à cor “azul” e ao uso do sufixo “ão” demonstrando o aumentativo. No contexto da frase acima, o termo “azulão” referia-se a um tipo de pássaro (Figura 1).

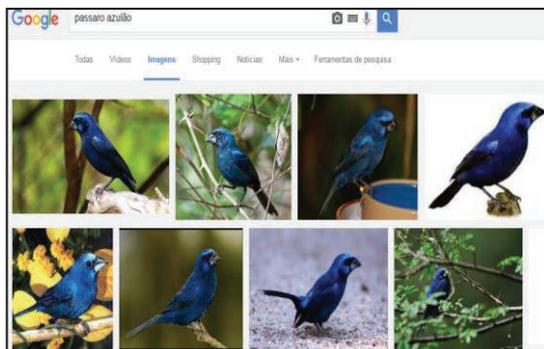


Figura 1 – Imagens do pássaro azulão⁴

Nessa situação, o Google Imagens atuou como uma boa ferramenta, pois materializa um formato para o tipo de pássaro “azulão”, proporcionando que o discente concretize o conceito visual da palavra.

Já o Google Maps, site de busca de posicionamentos geográficos por meio da projeção de mapas, rotas e visualização da infraestrutura de um lugar (*Street view*) foi um auxílio de localização geográfica e visual para compreender locais importantes para os alunos. Desde a sinalização de cidades de destaque no Brasil e no mundo aos lugares onde são realizados trabalhos na área da surdez, como a *University of Gallaudet* nos Estados Unidos da América e os primeiros estudos sobre língua de sinais na França.

Para exemplificar, uma das atividades propostas foi entender a localização da escola em relação ao estado do Rio de Janeiro e traçar rotas para outros locais próximo ao colégio (Figura 2).

⁴ Disponível em: <https://www.google.com.br/search>. Acesso em 11 Jul 2016.

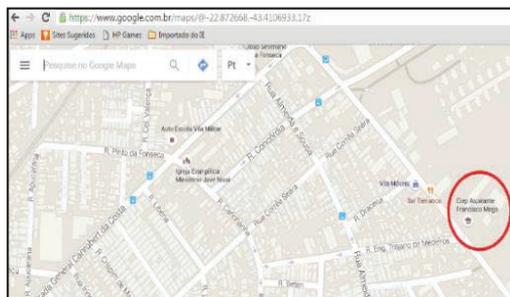


Figura 2 – Imagem da localização da escola ⁵

Tarefas como essa possibilitam ao discente a compreensão do seu local no mundo, no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Esse recurso apresenta uma descrição visual detalhada dos lugares dando a sensação, por meio do *Street View*, de estar presente no local pesquisado.

Já em relação à apresentação dos artefatos da cultura surda, os vídeos da TV INES foram recursos tecnológicos úteis. Os seguintes programas com vídeos online foram explorados: “Manuário”, “Café com Pimenta”, “Vida em Libras” e “Piadas em Libras”.

A TV INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) é um canal bilíngue da TV brasileira com conteúdo totalmente acessível em Libras e em Português. A programação contém conteúdo bastante diversificado incluindo filmes, notícias, desenhos animados, e também programas sobre esporte, saúde, política, tecnologia e cultura. Além de educar, a TV INES permite que os surdos possam estar informados sobre os acontecimentos da atualidade.

O Manuário, dicionário acadêmico bilíngue em Libras e em Português, desenvolvido pelo Departamento de Ensino Superior do INES – DESU, apresenta novos itens lexicais em Libras. Em cada vídeo, uma personalidade relevante para os estudos surdos é selecionada e são descritas as contribuições desse pensador, sejam curio

⁵ Disponível em: <https://www.google.com.br/maps>. Acesso 11 jul. 2016.

sidades, obras, questões relacionadas à cultura e à biografia. Cada pensador recebe um sinal de identificação na comunidade surda. Atualmente, a maioria dos vídeos tem sido apresentada pelo pesquisador surdo Valdo Nóbrega (Figura 3).



Figura 3 – Manuário ⁶

Na sala de recursos do Ciep 382 Francisco Mega, foram exibidos os vídeos do Manuário sobre Charles L’Épée, William Stokoe e Edward Miner Gallaudet a fim de que os alunos pudessem conhecer as contribuições de cada pesquisador e a relevância das conquistas deles para a comunidade surda, a saber: Charles L’Épée, educador francês filantrópico no século XVIII, conhecido como “Pai dos surdos”, e fundador do Instituto Nacional de Surdos em Paris; William Stokoe, considerado o pai da linguística da Língua Americana de Sinais, lutou para a língua de sinais receber o status de língua; Edward Miner Gallaudet, presidente da instituição para surdos nos Estados Unidos que representa um símbolo na luta das Línguas de Sinais: a Universidade Gallaudet/ University of Gallaudet.

⁶ Disponível em http://tvines.com.br/?page_id=333. Acesso 13 jul. 2016.

Já o programa *Café com Pimenta* exibe entrevistas com personalidades da comunidade surda de hoje em dia. O programa é apresentado por Nelson Pimenta, surdo, poeta e professor (Figura 4).



Figura 4 – Café com Pimenta⁷

Na sala de recursos, assistimos à entrevista com Clarissa Guerreta. Ela é professora e apresentadora de outros programas da TV INES. Nessa entrevista, os alunos surdos conheceram um pouco mais sobre a biografia dela, principalmente, sobre a experiência de participar da cobertura da Copa do Mundo no Brasil como a primeira repórter surda brasileira a cobrir o evento.

Café com Pimenta possibilita que surdos identifiquem a realidade profissional e intelectual de outros membros da comunidade surda. Para os alunos surdos do Ensino Médio, assistir a esse programa é uma oportunidade de encontrar em seus pares surdos possibilidades de atuação no mercado de trabalho e de descobrir as diversas identidades surdas.

No programa *A vida em Libras*, o apresentador Heveraldo Ferreira (Figura 5) mostra sinais em Libras sobre cultura, esportes,

⁷ Disponível em http://tvines.com.br/?page_id=1387. Acesso 13 jul. 2016.

educação, gastronomia e situações do dia a dia com o auxílio de animações, locuções e legendas em Português. Os vídeos, sempre com boa dinâmica visual, colaboram com o aprendizado de novos sinais por meio da divulgação do significado das palavras. Além disso, de forma didática, no fim de cada vídeo, há um momento de revisão dos sinais novos apresentados.

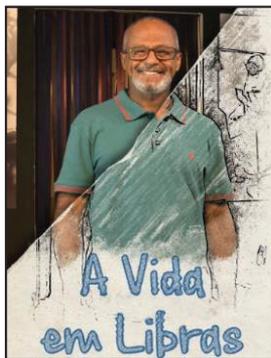


Figura 5 – A vida em Libras⁸

Durante as aulas na sala de recursos, os vídeos desse programa contribuíram com o aprendizado da Libras, principalmente, com os surdos que não detinham um vocabulário amplo. Dentre os vídeos assistidos, podemos citar o vídeo Educação II que apresenta etapas educacionais após a conclusão da Educação Básica. Nesse vídeo, os alunos surdos enxergaram possíveis caminhos profissionais que eles poderiam escolher, seja em cursos técnicos ou na graduação optando por licenciatura ou bacharelado. E para aqueles que desejarem seguir a carreira acadêmica, há também os tipos de pós-graduação oferecidos em nosso país.

E o último programa que citamos neste artigo é *Piadas em Libras* (Figura 6). O programa é comandado pelo ator surdo Áulio Nóbrega que junto a outros atores interpretam piadas em Libras. Com o uso das expressões corporais e locução e legenda em Portu-

⁸ Disponível em http://tvines.com.br/?page_id=11431. Acesso 13 jul. 2016.

guês, os vídeos podem ser compreendidos por surdos e por ouvintes.

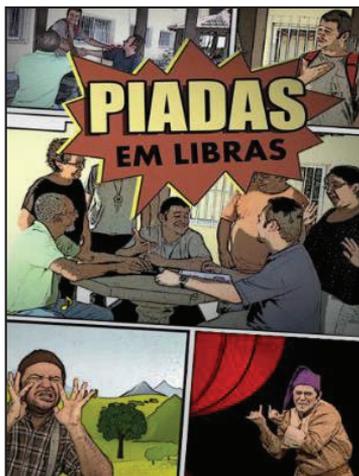


Figura 6 – A vida em Libras⁹

Na sala de recursos, os vídeos desse programa promoviam momentos de aprendizado e descontração por meio do humor. Como na piada contada no vídeo Madeira, em que dois lenhadores tentam derrubar uma árvore, mas não conseguem, pois ao gritar “Madeira!”, a árvore não ouvia porque era surda. Logo, apenas o uso da língua de sinais faria a árvore compreender. Assim, de maneira cômica, as piadas mostram a perspectiva visual do mundo, o uso de sua língua, enfim, os valores da cultura surda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos que é fundamental para os alunos surdos da educação básica, em especial os do Ensino Médio, o acesso aos conhecimentos científicos produzidos, matérias escolares obrigatórias, mas também é essencial para o discente surdo o contato com a

⁹ Disponível em http://tvines.com.br/?page_id=123. Acesso 13 jul. 2016.

cultura surda. É importante para o surdo conhecer a produção científica e cultural de seus pares surdos, como as conquistas do povo surdo citadas brevemente aqui.

O contato com os artefatos culturais surdos gera nesses alunos uma identificação. Eles ampliam seus conhecimentos e as diversas possibilidades de atuação cultural e no mercado de trabalho.

Por isso, os programas da TV INES podem ser usados como estratégias didáticas para o reconhecimento e a valorização da cultura surda. E o Google Imagens e o Google Maps como ferramentas de apoio para a compreensão dos diversos vocábulos, que podem ter em uma imagem o seu significado expresso ou a localização de diferentes partes do mundo.

Dessa forma, este artigo buscou compartilhar práticas didáticas apoiadas em estratégias tecnológicas que foram desenvolvidas na sala de recursos. Não procuramos esgotar as possibilidades de uso dos programas da TV INES ou das ferramentas de localização de mapas e imagens do Google, mas propor caminhos de aplicação desses meios tecnológicos que enriquecem a produção de conhecimento no processo de ensino-aprendizagem de surdos.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. W. *Desenvolvimento da personalidade*. São Paulo: Helder, 1962.

ATAS: CONGRESSO DE MILÃO 1880. Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos; 2. Rio de Janeiro: INES, 2011.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de Língua de Sinais*, reimpr. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

BURKE, P. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

CLERC, L.; KELLER, H. Deaf people in history - Gallaudet University Library. Disponível em:

<http://libguides.gallaudet.edu/content.php?pid=352126&sid=2881782>. Acesso em: 14 abr. 2015.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em 21 de jul. de 2016.

FELIPE, T. A. *Libras em Contexto: curso básico*. 7.ed, Rio de Janeiro: Wallprint Gráfica e Editora, 2009.

HENRIQUES, C. C.; SIMÕES, D. (orgs.). *A Redação de Trabalhos Acadêmicos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

KARNOPP, L. B. *Literatura surda*. Campinas: Educação Temática Digital_EDT, v.7, n.2, 2006.

KARNOPP, L. B.; SILVEIRA, C. H. Literatura surda: análise introdutória de poemas em Libras. Rio Grande do Sul: *Nanada Letras em revista*, v.2, n. 21, 2013.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MOURÃO, C. H. N. *Literatura surda: produções culturais em língua de sinais*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Orientadora: Lodenir Becker Karnopp.

NUNES, V. F. *Narrativas em Libras: análise de processos cognitivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

PERLIN, G.; STROBEL, K. *Teorias da Educação e Estudos Surdos*. Florianópolis: CCE/UFSC, 2009.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKILIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 7.ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

PLOENNES, C. Da Libras ao português: Novos materiais bilíngues prometem ampliar as possibilidades de comunicação entre pessoas surdas e ouvintes. *Revista Língua*. Abril, 2014. Disponível em <http://revistalingua.com.br/textos/102/da-libras-ao-portugues-309922-1.asp>. Acesso em: 21 jun 2015.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, S. *O INES e a educação de surdos no Brasil. Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de surdos em seu percurso de 150 anos*. V. 1, 2.ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SKILIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 7.ed. Porto Alegre: Medição, 2015.

SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R. M. de. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, R. M. de (org). *Estudos surdos I* Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3.ed.rev. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.

STUMPF, M. R. *Educação de Surdos e Novas Tecnologias*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

VELOSO, É.; MAIA, V. *Aprenda Libras com eficiência e rapidez*. Curitiba: Editora MãoSinais, 2009.